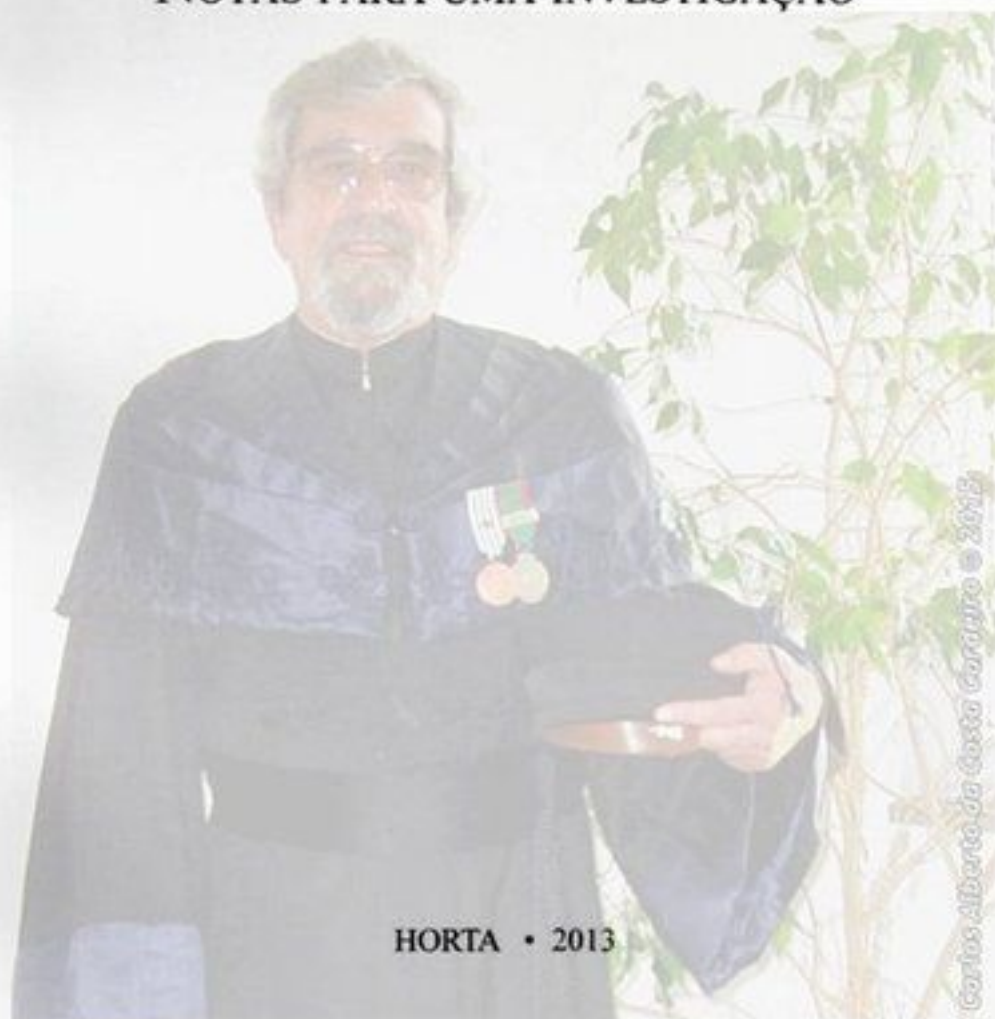


CARLOS CORDEIRO

UNIDADES MILITARES MOBILIZADAS NOS AÇORES
PARA A GUERRA NO ULTRAMAR (1961-1975).
NOTAS PARA UMA INVESTIGAÇÃO



HORTA • 2013

Carlos Alberto da Costa Cordeiro © 2013

UNIDADES MILITARES MOBILIZADAS NOS AÇORES PARA A GUERRA DO ULTRAMAR (1961-1975)

NOTAS PARA UMA INVESTIGAÇÃO

CARLOS CORDEIRO

Cordeiro, C. (2013), Unidades Militares mobilizadas nos Açores para a Guerra no Ultramar (1961-1975). Notas para uma investigação. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 22: 71-103.

Sumário: Sendo certo que existe já disponível vasta bibliografia sobre a então denominada «Guerra do Ultramar», no caso concreto da participação de açorianos ou de unidades militares mobilizadas nos Açores para os três Teatros de Operações a situação não é tão positiva. Assim, esta primeira, lacunar e naturalmente provisória abordagem à participação açoriana no conflito circunscreve-se à compilação e organização de dados colhidos na bibliografia disponível e na Internet (blogs, portais, sites, fóruns digitais, e redes sociais como o Facebook).

Cordeiro, C. (2013), Mobilization of army units in the Azores for the Portuguese Overseas War (1961-1975). Notes for relevant research. *Boletim do Núcleo Cultural da Horta*, 22: 71-103.

Summary: There is already a vast amount of bibliography on the so-called "Overseas War". However in what concerns the case of the participation of Azorean or military units deployed in the Azores to the three theaters of operations, the situation is rather different. Thus, this is an incomplete and provisional approach to the Azorean participation in the conflict, and the research and the organization of the information gathered is limited to the available bibliography and in the sources available in the NET as well, e.g. blogs, sites and social networks like Facebook.

Carlos Cordeiro – Centro de Estudos Interdisciplinares do Século XX (CEIS20) da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Gaspar Frutuoso da Universidade dos Açores.

Palavras-chave: Guerra do Ultramar; mobilização; colonialismo.

Key-words: Overseas War; mobilization; colonialism.

1. Há hoje vasta bibliografia sobre a então denominada "Guerra do Ultramar". No caso concreto da participação de açorianos ou de unidades militares mobilizadas nos Açores nessa guerra, a situação é bem diferente,

havendo um longo caminho a percorrer em termos de investigação nesse aspecto. Mas também é certo que há já informação disponível que precisa ser devidamente coligida e organizada. Os recursos da Internet são essenciais nesta perspectiva. Desde logo, o importantíssimo artigo do tenente-coronel Manuel Faria, publicado na *Enciclopédia Açoriana*¹, em que recorre aos processos individuais dos Distritos de Recrutamento Militar 17 (Angra do Heroísmo) e 18 (Ponta Delgada), ao Arquivo Histórico Militar, aos processos de reforma e invalidez dos deficientes das Forças Armadas, entre outro tipo de documentação. A investigação de Manuel Faria merecia um maior desenvolvimento e publicação em livro. Podemos também consultar com proveito as brochuras sobre os Regimentos de Infantaria de Ponta Delgada² e de Angra do Heroísmo³, que apresentam as listas das unidades mobilizadas

pelos Batalhões Independentes de Infantaria 17 (Angra do Heroísmo) e 18 (Ponta Delgada), incluindo os nomes dos comandantes, e outras informações. De José Manuel Salgado Martins temos o estudo sobre o Regimento de Guarnição n.º 24. Um dos capítulos do livro é precisamente dedicado às campanhas ultramarinas (1961-1974). O autor apresenta as unidades mobilizadas pelo então Batalhão Independente de Infantaria 18, indicando para cada uma delas a mobilização, composição e movimentos, aspectos da actividade operacional, mortos em combate e condecorações.

Não pode deixar, naturalmente, de se destacar as obras fundamentais como a *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*⁵, com vários volumes publicados e outros em processo de edição pelo Estado-Maior do Exército. Trata-se, sem dúvida, de um levantamento fundamental a partir da documentação oficial disponível. Inclui o enquadramento geral, o dispositivo das nossas forças,

¹ <http://pg.azores.gov.pt/drac/cca/enciclopedia/ver.aspx?id=6022>

² Portugal. Exército. Regimento de Infantaria de Ponta Delgada, *Resumo Histórico. Regimento de Infantaria de Ponta Delgada*, [Lisboa, CEGRAF], 1991.

³ Zona Militar dos Açores, *Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo. História da Unidade*, [Lisboa], SPEME, s/d. (compilação do Cap. Vaz Antunes, coadjuvado pelos Al. Mil.º Nunes, Asp. Mil.º Faria e Asp. Mil.º Conceição).

⁴ José M. Salgado Martins, *Regimento de Guarnição n.º 2 de S. Brás (1555) aos Arrifes (2010)*, Ponta Delgada, Nova Gráfica, Lda. [imp. e acabamentos], 2010.

⁵ Portugal. Comissão para o Estudo das Campanhas de África (CECA), *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*, 14 volumes (até à presente data), Lisboa, E. M. E., 1988-.

as fichas de cada uma das unidades, com resumo da actividade operacional, baixas, condecorações, etc. Além disso, temos obras de investigadores de referência, importantes para os enquadramentos histórico-militares e políticos⁶.

Além destes estudos mais globais, temos também alguma, pouca, bibliografia sobre unidades militares específicas mobilizadas nos Açores, quer utilizando fontes documentais, quer recorrendo a memórias ou conjugando os dois tipos de abordagem. Estão neste caso, por exemplo, o livro de Rogério dos Santos Cardoso Teixeira sobre o Batalhão de Caçadores 109, que integrou, *Angola: História do Batalhão de Caçadores 109 (1961-1963)*, com 2.^a edição evocativa dos 50 anos da partida para Angola⁷. Neste batalhão foram incluídas as CCaç⁸ 110 e 111, respectiva-

mente dos Batalhões Independentes de Infantaria 17 (Angra do Heroísmo) e 18 (Ponta Delgada). Rogério Teixeira, Professor Catedrático jubulado da Faculdade de Medicina de Coimbra, foi alferes miliciano médico do Batalhão. O comandante desse mesmo Batalhão, Mário Fernandes Ponte, publicou o livro *Guerra em Angola: luzes e sombras*⁹ que refere, naturalmente, aspectos da actividade da unidade que comandou. E, por aquilo que consegui pesquisar, é tudo quanto a edições impressas sobre unidades açorianas. E a situação agrava-se quando se verifica que algumas unidades não apresentaram, no fim da campanha, como era obrigatório, ou entretanto se perderam, as respectivas histórias da unidade, por muito deficientes que algumas se apresentassem.

Muito mais ricas, em termos de informação, para quem não tem hipóteses de consulta dos arquivos militares, são as fontes disponíveis na Internet. De facto, utilizando-se o motor de busca Google é surpreendente o número e, por vezes, a qualidade dos elementos que nos são fornecidos nos blogues, portais, sites, fóruns digitais, redes sociais como o Facebook, etc. Relativamente às unidades açoria-

⁶ O portal <http://ultramar.terraweb.biz/> insere uma secção com uma lista vasta de bibliografia, incluindo livros, artigos e textos publicados no portal, em constante actualização. Cf. <http://ultramar.terraweb.biz/06livros.htm>

⁷ Rogério Cardoso Teixeira, *Angola (N'gola): História do Batalhão de Caçadores 109 (1961-1963)*, Coimbra, Quarteto, 2008, com 2.^a edição de 2011, evocativa dos 50 anos da partida para Angola: Rogério dos Santos Cardoso Teixeira, *Angola: História do Batalhão de Caçadores 109 (1961-1963)*, 2.^a edição comemorativa da partida para Angola, Coimbra, ed. do autor, 2011.

⁸ Companhia de Caçadores.

⁹ Mário Fernandes Ponte, *Guerra em Angola: luzes e sombras*, [Santo Tirso], Norprint (imp), 2010.

nas, temos, por exemplo, *sites* específicos das CCaç 4740/72, 3562, 2677, 3413, 3510, 4742/72. Isto para não falar nas colaborações de antigos militares de unidades açorianas publicadas em diversos blogues e portais. Veja-se, por exemplo, o caso do blogue *Luís Graça & Camaradas da Guiné*¹⁰, com vasta colaboração sobre as CCaç 2636, 2753, 2790, 3327, 3414. Também sobre a Guiné, o blogue de Carlos Silva, *Guerra na Guiné 63/74*¹¹ refere-se com pormenor às CCaç 3327 e 3476. Um recurso fundamental, com diversos tipos de informação, é o portal *Dos veteranos da Guerra do Ultramar: Angola-Guiné-Moçambique. 1959 a 1975*¹². Aí nos são apresentados elementos importantes sobre unidades mobilizadas nos Açores como, por exemplo, as CCaç 3413, 4742/72, entre outras. Um aspecto importante destes recursos da Internet é o facto de, geralmente, serem acompanhados de imagens, algumas importantes, outras nem tanto.

É evidente que muita desta informação carece de sustentação documental credível, pois baseia-se, muitas vezes, em memórias pessoais, em opinião, no ouvir dizer, no boato, etc. Mas também há muita informa-

ção credível, mesmo apoiada em documentação oficial (o que não quer dizer que seja sempre correcta, como, por exemplo, *relatórios de operações*). Por vezes temos mesmo acesso a listas dos militares das companhias, relatórios, entre outros documentos. Mas também é importante ter em consideração facetas que a documentação oficial não revela: aspectos do quotidiano em campanha, por exemplo, sentimentos, muitas vezes registados em diários (e muitos militares – até como uma espécie de catarse – os tinham), religiosidade, relações com as comunidades locais, ocupação dos tempos livres, conflitos entre militares, mas também a camaradagem e o companheirismo, etc. Além disso, esses relatos na primeira pessoa permitem compreender – ou tentar compreender – como os antigos combatentes “revivem” e reinterpretam, hoje, passados quase 40 anos do fim da luta armada, as suas experiências em campanha.

2. Começamos então a apresentar alguns aspectos relativos às unidades mobilizadas pelos BII 17 e 18.

Em primeiro lugar, realce-se que, logo após o início das hostilidades em Angola, para ali seguiram unidades açorianas. De facto, mobilizadas apressadamente a partir de 13 de Abril de 1961, as praças das Companhias de Caçadores 110, coman-

¹⁰ <http://blogueforanadaevaotres.blogspot.pt/>

¹¹ <http://www.carlosilva-guine.com>

¹² <http://ultramar.terraweb.biz/>

dada pelo capitão açoriano Alveno de Paula Carvalho e 111, sob o comando do capitão Mário César Teixeira, respectivamente do BII 17 e do BII 18, nem direito tiveram a férias de mobilização¹³. No dia 20 de Abril de 1961, a CCaç 111 seguia, no “Carvalho Araújo” para Lisboa, recolhendo, antes, na Terceira, a 110.

O mesmo navio trouxera a bordo a Companhia de Caçadores do BII 18 que prestara a sua comissão de serviço na Índia (Damão)¹⁴. Esta circunstância levaria o repórter do *Açores* a salientar que, num mesmo dia se celebrara a alegria da chegada e a dor da partida mas, no fundo, significando uma e outra o cumprimento do dever de portugueses:

“Se não os recebemos festivamente como merecem é que a hora é de luto nacional. Portugal está em clima de guerra porque nos querem esbulhar do nosso património em África. À alegria de ver chegar os que partiram, sobrepõe-se a dor de ver partir outros pais, outros filhos, outros irmãos. Como os que chegam, os que

agora partem vão cumprir o seu dever de portugueses, vão afirmar a nossa soberania na África Portuguesa”¹⁵.

Na véspera, a CCaç 111 assistiu à Missa Campal no adro da Igreja da Esperança. A rapidez com que tudo foi preparado é bem demonstrada na deficiência da informação pública, do que, aliás, a imprensa local se queixa. *O Açoriano Oriental*, por exemplo, refere: “Na Praça, para margem à larga... um milhar de mi-caelenses, constituído pelas famílias e pouco mais. Queríamos ter visto a praça regurgitar, mas a verdade é que a cidade não foi informada com antecedência”¹⁶.

A imprensa confere grande relevo ao cerimonial, destacando, igualmente, o sentido da missão que iriam desempenhar os militares da Companhia de Caçadores (CCaç) 111. O título que encima a reportagem do *Diário dos Açores* é, neste sentido, bem expressivo: “Por Deus, em louvor da Pátria, os soldados expedicionários ouviram

¹³ Cf. Mário Fernandes Ponte, *ob. cit.*, p. 19.

¹⁴ Esta unidade militar partiu de Ponta Delgada em 12 de Março de 1959. A viagem de regresso de Damão teve início a 25 de Março de 1961, aportando a Lisboa em 17 de Abril, tendo ali embarcado no mesmo dia com destino a Ponta Delgada. Era comandada pelo capitão Carlos Figueiredo Delfino, e constituída, para além dos oficiais e sargentos, por 158 praças. Segundo a repor-

tagem do jornal, a companhia trazia consigo a Imagem do Senhor Santo Cristo que acompanhou aqueles militares durante a sua comissão de serviço em Damão. *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 20 de Abril de 1961; *Açores*, Ponta Delgada, 21 de Abril de 1961.

¹⁵ *Açores*, Ponta Delgada, 20 de Abril de 1961.

¹⁶ *Açoriano Oriental*, Ponta Delgada, 22 de Abril de 1961.

missa (...) em comunhão espiritual com milhares de conterrâneos unidos no mesmo sentimento religioso e patriótico”¹⁷. A missa, celebrada no adro do Santuário da Esperança, foi presidida pelo Monsenhor José Gomes, reitor do Santuário, e nela participaram as principais autoridades civis do distrito, chefias militares e representantes de diversos serviços e instituições locais. Uma cerimónia “de rara espiritualidade”, como a define o jornalista, realizada num local acentuado simbolismo: o adro do Santuário onde se venera a Imagem do Senhor Santo Cristo dos Milagres, devoção maior do povo micalense e açoriano. Mas esta presença simbólica seria realçada quando o carrilhão fez soar o hino do Senhor Santo Cristo e se procedeu à entrega de uma imagem do *Ecce Homo*, oferta de um particular, para acompanhar e proteger os militares da 111, tendo o celebrante oferecido também a cada um dos militares uma medalha com a efígie do *Ecce Homo*. E isto quando, no dia 6 de Maio seguinte teriam início as grandes festas religiosas do Senhor Santo Cristo, “o mais emotivo momento da fé da gente açoriana”:

“Tal como outrora, quando os navegadores, antes de partirem para as suas

aventurosas viagens, ouviam missa na praia do Restelo, os nossos soldados [...] ouviram missa frente ao santuário da Esperança”¹⁸.

A ligação da fé com o fervor patriótico é, aliás, bem destacada na reportagem: “uma prece em que, em uníssono, se exaltava a Deus em louvor da Pátria”¹⁹. Na Terceira, a despedida da CCaç 110 ocorreu no próprio Castelo de S. João Batista e constou de uma missa e uma sessão de variedades oferecida pelo comandante da unidade²⁰.

Chegadas a Lisboa no dia 24 de Abril, as Companhias de Caçadores 110 e 111, dirigiram-se para o campo militar de Santa Margarida, onde ficaram instaladas, supostamente para ali terem um período de preparação e adaptação²¹. Este período de preparação foi muito curto pois, integrando o Batalhão de Caçadores 109²², as CCaç 110 e 111 seguem para Angola, desembarcando em Luanda a 14 de Maio, onde ficaram a aguardar o

¹⁸ *Ibidem*.

¹⁹ *Ibidem*.

²⁰ Cf. *Diário Insular*, Angra do Heroísmo, 22 de Abril de 1961.

²¹ Cf. *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 25 de Abril de 1961.

²² O BCaç 109 incluía, além das CCaç 110 e 111, a 112, oriunda do BII 19, do Funcal. O batalhão era comandado pelo coronel Mário Fernandes da Ponte.

¹⁷ *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 19 de Abril de 1961.

fardamento e equipamento²³. Refira-se que o BCaÇ 109 seguiu com o segundo grande contingente militar enviado para Angola após a decisão de Salazar em reforçar a guarnição militar daquela então Província Ultramarina²⁴.

Em Julho e com o mesmo destino, seguiriam as CCaÇ 194, do BII 17 e 195, do BII 18, esta comandada pelo capitão açoriano Arnaldo Medeiros Ferreira. Também neste caso a imprensa de Ponta Delgada criticou a ligeireza do cerimonial de despedida, que terá constado de um simples desfile por algumas ruas da cidade.

“Vão partir os nossos soldados – a fronte erguida, o braço armado, a alma inflamada por acrisolado patriotismo... mas no coração um mar de saudades dos que ora deixam (...). Vão partir os nossos bravo: e que fazemos na hora do adeus? Como lhes dulcificamos a amargura da despedida? Como provamos a nossa solidariedade na dor que lhes vai na alma? (...) Que fizemos aos soldados micalenses que constituíram o segundo contingente? Uma partida súbita, quase em segredo, dir-se-ia que para ocultar algo de que se tem vergonha!... Pelas

ruas da nossa cidade passaram os nossos soldados quase em silêncio, quase sozinhos”²⁵.

Em Angra do Heroísmo, o programa de despedida dos militares da CCaÇ 194 incluiu uma missa campal na parada do castelo de S. João Batista, a entrega do guião da companhia, oferta da edilidade, um jantar de camaradagem entre todos os militares em serviço no BII 17 e um serão de homenagem, com a presença das famílias. A cerimónia de entrega do guião da unidade teve lugar na Praça da Restauração, frente ao edifício da câmara²⁶. Na mesma altura, o presidente da câmara, Baptista de Lima, encarregou o comandante da CCaÇ 194 da entrega do guião da CCaÇ 110 ao presidente da câmara de Luanda, para este o fazer chegar ao comandante dessa companhia mobilizada pelo BII 17²⁷. A Câmara de Ponta Delgada também passou a oferecer os guiões das Companhias mobilizadas pelo BII 18.

Em 29 de Julho de 1961, embarcariam para Lisboa as Companhias de Caçadores Especiais 273 e 274, respectivamente dos BII 17 e 18. A im-

²³ Biblioteca do Regimento de Guarnição n.º 2. Histórias das Unidades Mobilizadas entre 1961 e 1971. *História do Batalhão de Caçadores 109*, p. 19-20.

²⁴ O primeiro grande contingente militar chega a Angola a 1 de Maio. Cf. <http://www.guerracolonial.org/index.php?content=384>, consultado em 4/4/2013.

²⁵ Açores, Ponta Delgada, 11 de Julho de 1961.

²⁶ *Diário Insular*, Angra do Heroísmo, 17 de Junho de 1961

²⁷ *Ibidem*, Angra do Heroísmo, 15 de Junho de 1961.

prensa alerta a opinião pública para a necessidade de a partida das unidades militares ser devidamente preparada de modo a homenagear os militares que iam sacrificar-se em defesa da Pátria. O *Diário dos Açores*, por exemplo, defendia a perspectiva de as cerimónias de homenagem deverem partir de iniciativas da sociedade civil e não das estruturas militares. Só assim a população ficaria devidamente representada:

“A iniciativa não deve pertencer à família militar, mas sim à sociedade civil, às autoridades civis e religiosas. A estas, sim, como lidimas representantes da população e de acordo com os comandos militares, caberá a iniciativa de uma despedida condigna aos nossos expedicionários”²⁸.

Em Ponta Delgada, a 274 participou na Missa campal junto ao Santuário da Esperança, recebeu das mãos do presidente da Câmara o guião e desfilou por algumas ruas de Ponta Delgada.

A imprensa deu grande relevo ao acontecimento, destacando:

“Aos que servem a Pátria e dão por ela, quando preciso, o supremo sacrifício, a Nação deve tudo. Por isso, os soldados que amanhã desfilarão pelas ruas da nossa cidade são credores das palmas e

das flores de todos os que puderem assistir ao desfile”²⁹.

O jornal propunha a realização de um desfile militar – “perante o qual as palmas e as flores” fossem “o carinhoso adeus da população” –, a celebração de uma missa junto ao Santuário da Esperança e a entrega do guião da companhia.

O jornal *Açores*, para além destas componentes, propõe ainda a oferta, por um estabelecimento do comércio citadino, de um oratório do Senhor Santo Cristo, o encerramento dos estabelecimentos comerciais na hora do embarque, para que toda a cidade pudesse tomar parte na despedida, e a participação de bandas de música que, “com as suas marchas guerreiras”, acordariam os corações.

O articulista tinha, porém, plena consciência de que estas propostas podiam suscitar críticas:

“Dirão que é muita festa num momento tão grave para a Nação Portuguesa!? Não senhores, tudo isto e mais que houver por bem é preciso, é justo, é oportuno: deste modo mostraremos que não somos indiferentes àqueles que partem (...). É honroso para eles partir em defesa da Pátria; é honroso para nós provarmos que estamos com eles”³⁰.

²⁸ *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 11 de Julho de 1961.

²⁹ *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 28 de Julho de 1961.

³⁰ *Açores*, Ponta Delgada, 11 de Julho de 1961.

As reportagens das cerimónias de despedida, em especial as que se referem à celebração da missa campal, foram muito expressivas. A população, “consciente (...) da seriedade do momento que se vivia”, imprimira às cerimónias da homenagem “um elevado sentido patriótico e cristão”. Os ideais da fé e do império integram o discurso jornalístico de exaltação do dever patriótico que os jovens da “274” iam cumprir:

“A população micalense (...) era um símbolo naquela hora alta de patriotismo e de confiança em Deus – a população micalense era o Portugal velhinho que vem à beira-mar despedir os que vão partir, não como outrora, em demanda de novos mundos, impelidos pelo ideal de dilatar a fé e o império, mas sim para defender essa mesma fé e esse mesmo império nas parcelas africanas lusitanizadas por séculos de civilização portuguesa”³¹.

Mas, mesmo imbuídos desses ideais, os familiares e amigos dos soldados que partiam na “missão sagrada de defender a pátria”, aplaudiam “quando ansiavam reter”; mostravam no rosto um sorriso, “quando o coração sangrava”. Referindo mesmo estas imagens de uma tristeza mal escondida, o articulista não deixava de concluir: “aos fortes afectos da família, outros mais imperiosos se impunham

– os da Pátria, a quem tudo é devido, até a própria vida”³². Para a celebração eucarística, tudo fora preparado de modo a conferir-lhe grande simbolismo: “a envolver o altar, num abraço de profundíssimo simbolismo, muitas bandeiras nacionais – a Pátria aos pés de Deus que a abençoa com seus braços de mártir do Calvário”.

Menos exuberantes foram as reportagens dos jornais da Terceira quanto à despedida dos militares da Companhia de Caçadores Especiais 273, mobilizada pelo Batalhão Independente de Infantaria 17. Com as tropas em formatura na Praça da Restauração – “local que em outros tempos se tornou histórico em anos de provação ou de grandeza”³³ – foi entregue o guião da companhia, oferta da câmara de Angra do Heroísmo. A cerimónia, a que assistiu muito povo, foi presidida pelo governador civil do distrito: a população acorrera em massa para ver passar os “defensores da Pátria”. Os discursos do chefe do distrito e do presidente da câmara de Angra acentuaram o dever patriótico em defesa do país contra “os ataques da subversão internacional”; a obrigação que incumbia à queles jovens de horarem “a gloriosa memória dos antepassados”; o respeito que deviam

³² *Ibidem*.

³³ *Diário Insular*, Angra do Heroísmo, 30 de Julho de 1961.

³¹ *Açores*, Ponta Delgada, 30 de Julho de 1961.

ao lema que o guião ostentava: “antes morrer livres do que em paz sujeitos”³⁴.

O discurso do comandante militar da Terceira inclui uma afirmação que ultrapassa as meras palavras de circunstância: “é esta a terceira leva de soldados que parte de Angra para o Ultramar e com ela completa-se a contribuição destas ilhas”³⁵. Ora, esta afirmação peremptória, repetida até noutra passagem da intervenção, não poderá, certamente, ser entendida como resultante do desconhecimento da gravidade da situação no teatro de operações ou como uma tentativa de tranquilizar a população insular. Poderá, talvez, querer somente significar excesso de confiança do comandante militar da Terceira na capacidade das Forças Armadas Portuguesas para rapidamente porem cobro à situação em Angola.

As Companhias de Caçadores Especiais 273 e 274 fizeram a Instrução de Aperfeiçoamento Operacional (IAO) na zona de Sintra e a seguir foram colocadas como força de reserva estratégica no Campo Militar de Santa Margarida³⁶. Dada a situação que se

vivia em Angola – onde “pulsa[va] já o coração de muitos micalenses e cujo solo fo[ra] já regado pelo sangue generoso de açorianos” – este era o destino das duas companhias apontado por um diário local³⁷. Segundo o comandante da 274, o hoje General na reforma Adérito Figueira, a Companhia chegou a estar mobilizada para a Índia, mas, entretanto, foi desmobilizada na sequência da tomada de Goa, Damão e Diu pelas tropas indianas³⁸. As companhias seguiram em Janeiro de 1962 para a Guiné³⁹.

A primeira companhia açoriana mobilizada para Moçambique foi a CCAç (Companhia de Caçadores) 383, que embarcou em Ponta Delgada em 16 de Novembro de 1962. Desta vez,

garida eram bastante positivas: “uma autêntica cidade militar onde nada falta[va], mesmo cinema e televisão”, encontrando-se os soldados “magnificamente” instalados. *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 17 de Agosto de 1961.

³⁷ *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 11 de Julho de 1961.

³⁸ Declarações do General Adérito Figueira, em Fevereiro de 2011, aquando do convívio da Companhia de Caçadores Especiais 274, por ocasião do 50.º aniversário da incorporação. O convívio teve lugar no RG2 de Ponta Delgada (antigo Batalhão Independente de Infantaria 18, unidade mobilizadora de companhias e batalhões de caçadores para os três teatros de operações durante a guerra do Ultramar).

³⁹ *Diário dos Açores*, 18 de Janeiro de 1962.

³⁴ Divisa do Batalhão Independente de Infantaria 17.

³⁵ *Diário Insular*, Angra do Heroísmo, 30 de Julho de 1961.

³⁶ A imprensa salientava que as condições do Campo de Instrução Militar de Santa Mar-

as cerimónias de despedida verificaram-se já nas próprias instalações militares, limitando, assim, a participação popular. Mesmo assim, os jornais dão destaque ao acontecimento. Já não comparável com o que se verificara com as companhias 111 e 274, mas, sem dúvida, bem mais significativo do que o que se verificara em Angra do Heroísmo com a partida, na mesma data, da CCaç 382, mobilizada pelo BII 17 com destino a Angola⁴⁰.

Contrariamente ao que acontecera anteriormente, as cerimónias de mais esta companhia, a quarta mobilizada pelo BII 18, não contou com a participação de autoridades civis como o governador civil, presidentes da Junta Geral e da Câmara de Ponta Delgada, entre outras. Para além das autoridades militares, os jornais só referenciam a presença do comandante da Legião Portuguesa, de algumas famílias e de representantes da imprensa.

Na missa campal, o sacerdote, por ocasião da homilia, “proferiu eloquentes palavras cheias de portuguesismo” perante aqueles jovens – que “a loucura de inimigos de Portugal obriga[ra] a sair da sua terra, dos seus lares, da vida pura e simples das [...] aldeias” –, exortando-os a rezar o terço, que seria também “uma das

suas armas ao serviço de Deus e da Pátria”. A seguir à missa, o comandante militar dos Açores dirigiu palavras de incentivo e de boa sorte aos expedicionários, ao que se seguiu um desafio de futebol entre duas equipas de militares⁴¹.

Como se referiu, em Novembro de 1962 a partida da CCaç 382, com destino a Angola, não teve qualquer destaque na imprensa terceirense. O jornal *Diário Insular* informava os leitores que iria verificar-se, na parada do quartel, a despedida dos militares de uma companhia mobilizada pelo BII 17⁴². *A União* simplesmente anuncia que dias depois partiria mais uma companhia da Terceira⁴³.

3. Percorrendo a imprensa das ilhas de S. Miguel e da Terceira, onde tinham sede as já referidas unidades mobilizadoras açorianas, é notório o esbatimento progressivo de notícias sobre a mobilização de unidades militares pelos BII 17 e 18. Dado o número crescente de companhias de

⁴¹ Cf. *Açoriano Oriental*, Ponta Delgada, 14 de Novembro de 1962; *Correio dos Açores*, Ponta Delgada, 18 de Novembro de 1962; *Açores*, Ponta Delgada, 20 de Novembro de 1962; *Diário dos Açores*, 17 de Novembro de 1962.

⁴² *Diário Insular*, Angra do Heroísmo, 15 de Novembro de 1962.

⁴³ Cf. *A União*, Angra do Heroísmo, 12 de Novembro de 1962.

⁴⁰ *Diário Insular*, 16 de Novembro de 1962.

caçadores mobilizadas nos Açores, o cerimonial de despedida deixaria de constituir notícia. De facto, conferir destaque à partida de militares para a guerra, cada vez em maior número, seria a confirmação pública de que, afinal, as informações oficiais sobre os sucessos das Forças Armadas Portuguesas nos três teatros de operações não correspondiam à realidade. E se em S. Miguel as cerimónias se mantiveram intramuros do BII 18, com a entrega do guião, oferta da câmara de Ponta Delgada, e do oratório do Senhor Santo Cristo, oferecido pela CASA (Comissão de Assistência ao Soldado Açoriano)⁴⁴. A Terceira, porém, a entrega dos guiões em cerimónia em frente à câmaras manteve-se, bem como o desfile militar no centro da cidade. De algum modo, no entanto, perdeu o dramatismo da despedida, visto que passou a ter lugar bem antes da saída das companhias – antes dos dez dias de férias de mobilização – contrariamente ao que inicialmente acontecera⁴⁵.

⁴⁴ V., por exemplo, http://carlosilva-guine.i9tc.com/index.php?option=com_content&do_pdf=1&id=57&limitstart=3

⁴⁵ Ainda em meados de 1967, as tropas desfilavam pelas ruas centrais de Angra do Heroísmo no dia da partida: “Procedendo garboso desfile pelas ruas centrais da cidade embarcaram ontem no “Lima” as companhias 1437 e 1438 com rumo ao Ultramar. No Domingo, e com a presença das

E isto quando se acumulavam notícias sobre açorianos mortos em campanha. De facto, no dia 1 de Junho de 1961, cairia em combate o primeiro açoriano mobilizado para Angola. A informação chegaria aos pais a 10 do mesmo mês⁴⁶ e os jornais publicariam a infausta notícia com grande destaque. Tratava-se do jovem micaelense, furriel miliciano Augusto Caetano Rebelo de Faria, de 21 anos de idade. O destaque da notícia justifi-

autoridades civis, militares e religiosas, além de centenas de pessoas que acorreram à cerimónia, realizou-se na Praça da Restauração a anunciada entrega dos guiões às companhias expedicionárias, acto que o vice-presidente da câmara [...] fez preceder de algumas palavras a propósito. Seguiu-se a bênção dos guiões”. *Diário Insular*, Angra do Heroísmo, 25 de Julho de 1967. No caso da CCaÇ 4740, idêntica cerimónia precedeu em quase um mês o embarque: a entrega e bênção do guião tiveram lugar a 11 de Maio e o embarque a 7 de Junho, via aérea. http://www.ccaç4740.com/historiada_unidade.htm. Veja-se também o caso da CCaÇ 4742/72: “terminada a especialidade, houve desfile desde o BII 17, na Fortaleza de S. João Baptista, até à Praça da República, defronte ao edifício da Câmara, onde se procedeu à bênção do Guião da Unidade, como aliás era habitual com outras companhias que nos antecederam. Depois desta cerimónia toda o pessoal foi de férias para suas casas”. http://ultramar.terraweb.biz/06livros_CompanhiadeCacadores4742_72Angola.htm

⁴⁶ *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 12 de Junho de 1961.

cava-se até por se tratar de um jovem muito conhecido nos círculos desportivos de Ponta Delgada uma vez que era assíduo praticante de vela no Clube Naval de Ponta Delgada. O *Diário dos Açores* reconhece que soara uma “hora de sacrifício” na base do qual estavam “as vidas que, na salvaguarda do património sagrado da Pátria” teriam que “tombar em defesa da ordem”. Rebelo de Faria fora um desses sacrificados e os pais teriam que suportar, simultaneamente, a dor da morte e a da “separação total, na medida em que o corpo ficaria “a dormir o derradeiro sono no mártir solo angolano”⁴⁷.

No mês seguinte, Julho, mais duas mortes em combate de militares açorianos são noticiadas na imprensa de Ponta Delgada, os dois pertencentes à primeira companhia de caçadores mobilizada pelo BII 18, a CCAç 111. O *Diário dos Açores* publicava as fotogravuras de ambos e justificava:

“Ao inserirmos as fotogravuras destes bravos defensores da Pátria, prestamos a mais sentida homenagem a quantos

derramaram o seu sangue pela integridade de Portugal e pela sua continuidade como Nação livre, e igualmente homenageamos os bravos soldados micaelenses que nas províncias ultramarinas se batem destemidamente e se cobrem de glória, impondo-se à consideração e reconhecimento de todos os portugueses”⁴⁸.

O “espírito indómito e valente” dos açorianos seria realçado na notícia da morte em combate de dois micaelenses, uma semana após o início da luta armada na Guiné (29 de Janeiro de 1963):

“Na madrugada de 6 do corrente [Fevereiro] [...] dois micaelenses componentes de uma secção guarnecendo um posto do interior [Salancaur Cul], engrinaldaram a galeria de honra dos mortos ao serviço da Pátria. Tanto o furriel [José do Rego] Rebelo como a sentinela, um soldado que abrisse os olhos na Maia, da mesma ilha do Arcanjo [José Carvalho Carreiro] não tombaram gratuitamente. Das três às seis horas durou o combate desigual e que ofereceu ensejo para ilustrar no terreno da verdade o espírito indómito e valente dos açorianos. Os nossos apenas eram nove e os bandidos mais de

⁴⁷ *Ibidem*. O corpo seria trasladado posteriormente para Ponta Delgada a expensas da família, pois só a partir das “Normas Reguladoras da Trasladação de Ossadas Militares”, de 4 de Fevereiro de 1966 e do “Regulamento de Trasladações”, de 2 de Março de 1967 é que o Exército passou a responsabilizar-se, não só pelas despesas de transporte, como por todo o processo buro-

crático que as trasladações implicavam. Cf. Portugal. Comissão para o Estudo das Campanhas de África (CECA), *Resenha Histórico-Militar das Campanhas de África (1961-1974)*, vol. 8, consultado em http://ultramar.terraweb.biz/MilitaresdeVolta/Leislacao/MdV_dir5_NEPs.pdf

⁴⁸ *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 7 de Agosto de 1961.

cem, dispondo estes ainda de material bélico moderno de procedência comunista. A nossa homenagem a quem soube morrer e vender cara a vida"⁴⁹.

Com o prolongamento da guerra e o consequente aumento do número de militares açorianos mortos em campanha, os jornais foram, paulatinamente, deixando de conferir grande destaque a este tipo de notícias, excepto em situações especiais. Neste caso está a morte em combate, a 6 de Fevereiro de 1969, na Guiné, de Manuel de Amaral Carreiro, furriel miliciano. Tratava-se de um jovem muito conhecido e estimado em S. Miguel, pelo seu feitio jovial e solícito⁵⁰. Todos os jornais deram grande destaque à notícia. O *Diário dos Açores*, mais razões teve para o fazer, pois o jovem furriel miliciano era filho de um dos directores e proprietários do jornal. No 30.º dia da sua morte o jornal publicaria artigos de homenagem do pai, professores, amigos e cama-

radas do serviço militar. No seu artigo, uma espécie de comovida última carta ao filho, o dr. Manuel Carreiro, depois de reforçar as virtudes do filho e o sentimento de perda irreparável que o dominava, escrevia:

"Sujeitaste-te às incomodidades e perigos da vida militar sem nunca da tua boca ou da tua pena ter saído um queixume ou qualquer sinal de desalento. Não vacilavas ante o cumprimento do dever. Morreste como verdadeiro herói e mártir da Pátria. Vieste com o teu sangue generoso aumentar a valorosa falange dos milicianos que, nesta traiçoeira guerra que nos é imposta, em tão grande número têm contribuído para o martirólogo nacional"⁵¹.

As urnas de Manuel de Amaral Carreiro e de dois soldados que morreram na mesma emboscada chegam a Ponta Delgada em 28 de Maio de 1969, ou seja, quase quatro meses após a morte. Foram realizadas cerimónias fúnebres, com especial destaque para

⁴⁹ *Açoriano Oriental*, Ponta Delgada, 23 de Fevereiro de 1963. Pela sua acção na defesa do aquartelamento, foi atribuída a medalha de Valor Militar, cobre, com palma, ao 1.º cabo Manuel de Moura Freitas, natural de Vila do Porto. Louvor transcrito no *Correio dos Açores*, Ponta Delgada, 4 de Fevereiro de 1964.

⁵⁰ Em Janeiro de 1969, um grupo de mancebos açorianos chegou a Tavira para frequentar, no Centro de Instrução de Sargentos Milicianos de Infantaria (CISMI), a recruta do

curso de sargentos milicianos. "Mani" Carreiro (assim tratado pelos amigos e mesmo conhecidos), que terminara a especialidade, foi cumprimentar o grupo e oferecer-se para resolver qualquer problema com que os novos recrutas se defrontassem. Deu-nos ânimo e ajudou-nos quando precisámos, naqueles primeiros e "assustadores" dias de tropa. Nunca poderei esquecer aquele gesto solidário.

⁵¹ *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 6 de Marco de 1969.

o funeral do furriel miliciano. Não se pretende descrever estas cerimónias, mas sim relevar as fortes críticas do jornal a situações que ocorreram naquele dia. O título do editorial é já bem significativo: “mais respeito e veneração para com a memória dos que tombaram em defesa da Pátria”. Em primeiro lugar, o editorialista criticava o tempo excessivo (três horas) que os familiares tiveram que aguardar após a atracagem do navio até ao desembarque das urnas. Depois, a crítica dirige-se ao pároco da freguesia de naturalidade de um dos combatentes mortos em combate, por se ter recusado a rezar a missa de corpo presente. A terceira crítica visa as autoridades administrativas por nunca terem providenciado no sentido de os militares cujas famílias fossem pobres terem sepulturas dignas.

O editorial é cáustico em várias passagens e só se compreende que não tenha sido cortado pela censura porque se vivia então uma maior (e efêmera) abertura política com a “Primavera Marcelista”:

“Como já foi dito que esta guerra se prolongará indefinidamente⁵², terrível e fatídico advérbio que ensombra o futuro de sucessivas gerações, o qual não custará a pronunciar por muitos daqueles que não têm filhos mobi-

lizados e, na rectaguarda, auferem chorudos lucros das nossas riquezas ultramarinas, só um milagre poderá permitir que os barcos da Insulana⁵³ não tragam mais urnas de combatentes para os dois arquipélagos”⁵⁴.

Uma outra passagem contundente elembra que “a morte nivela todos”. Assim, “o supremo sacrifício do mais humilde soldado, tão frequente nas operações do ultramar, assim como sucede com os milicianos”, tem o mesmo significado do de “qualquer oficial de patente superior que, porventura, [tivesse] morrido em combate”. E, nessa sua defesa da dignificação dos combatentes mortos em campanha e da igualdade com que deviam ser homenageados, o editorialista conclui: “a dor dum pai, por mais pobre que seja, que tenha perdido o seu filho na guerra é exactamente igual à de qualquer poderoso ou argentário que passe pela mesma tragédia”⁵⁵.

Os regressos tinham também honras de primeira página na imprensa açoriana. Veja-se a este propósito as reportagens sobre o regresso das CCAç 110 e 111 a Ponta Delgada. Bandas de música animavam familiares, amigos e curiosos que se haviam deslo-

⁵³ Empresa Insulana de Navegação

⁵⁴ *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 30 de Maio de 1969.

⁵⁵ *Idem*.

⁵² *Sublinhado no original.*

cado à doca para saudarem os “bravos soldados” à sua chegada a Ponta Delgada. O articulista do *Diário dos Açores* lembrava:

“Apesar de a cidade estar em festa, natural, espontânea e bem justificada festa, de haver alegria em tanta casa, onde as mães voltam a afagar os filhos ausentes, por que tanto choraram, como se de novo embalassem os seus meninos, não olvidamos que na nossa ilha há três lares que permanecem fechados e sombrios, onde não chegam os acordes das filarmónicas, onde se chora pelos que jamais regressarão, os quais para sempre serão lembrados na lápida hoje descerrada no seu Batalhão [...]. E pelas 9 horas, após aquela magnífica confraternização com os familiares, segue-se o desfile em direcção ao Campo de S. Francisco. A banda, à frente, toca a marcha ‘Angola é Nossa’ e, durante todo o percurso a nossa população vitoria as tropas”⁵⁶.

Frente Santuário da Esperança, as tropas recebem a bênção, seguindo-se, no quartel-general, uma “imponente parada militar” perante as autoridades civis e militares, “muitas senhoras e pessoas de representação”. Na ocasião, o governador militar dos Açores terminava o seu discurso destacando:

“Como vedes, ides continuar agora na rectaguarda e no campo civil, mobilizados como todos nós ao serviço do País, compartilhando com todos nas tarefas

gigantescas da Nação, nessa outra batalha que se está operando no campo moral, social e económico, a batalha da Paz e do futuro de Portugal”⁵⁷.

A seguir houve recepção no quartel do BII 18, com descerramento de uma lápida lembrando os três mortos da Companhia. Cerimónias idênticas ocorreram aquando, por exemplo, da chegada da CCaç 274⁵⁸. A sucessiva chegada de companhias expedicionárias iria, naturalmente, implicar a simplificação das cerimónias de boas-vindas, despertando, pois, menos relevo na imprensa regional⁵⁹.

4. Um aspecto que convém desde já destacar relativamente às unidades mobilizadas nos Açores é o facto de, no caso de Angola, como se referiu, as duas companhias integrantes do Batalhão de Caçadores 109 terem iniciado a sua comissão em Angola pouco tempo após o começo da luta armada, desembarcando em Luanda com o segundo grande contingente

⁵⁷ *Ibidem*.

⁵⁸ “Conscientes do dever cumprido regressaram ontem do Ultramar tropas expedicionárias micaelenses que na Guiné portuguesa, com estoicismo e valentia, tão bem souberam comportar-se como sentinelas de Portugal, honrando a terra que lhes foi berço e a Arma a que pertencem”. *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 4 de Fevereiro de 1964.

⁵⁹ Ver, p. ex.º *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 30 de Março de 1971.

⁵⁶ *Diário dos Açores*, Ponta Delgada, 22 de Julho de 1963.

militar mobilizado para aquele teatro de operações. Quanto à Guiné e a Moçambique, chegaram ao destino antes mesmo do início da luta armada: as Companhias de Caçadores Especiais 273 e 274 chegaram à Guiné em Janeiro de 1962 e a Companhia de Caçadores 383 partiu de Ponta Delgada para Moçambique em Novembro de 1962.

Destes breves traços que apresentamos sobre a participação de unidades militares mobilizadas pelos BII 17 e BII 18 podemos relevar o facto de só no ano de 1964 não ter sido mobi-

lizada qualquer companhia, como se pode confirmar pelo quadro I, em anexo. Dos dados aproximados ali apresentados conclui-se que o Teatro de Operações com mais açorianos mobilizados foi o de Angola, com 4560 (cerca de 45% do total), seguido do da Guiné, com 3000 (30%) e, por fim, do de Moçambique, com 2520 (25%). O mesmo quadro demonstra que há um súbito agravamento do quantitativo de açorianos mobilizados a partir de 1969. De facto, se em 1968 haviam sido mobilizados 480 militares (ou seja, quatro CCaç) pe-

GRÁFICO N.º 1

Militares presentes nos três teatros de operações no mês de Janeiro dos anos 1962 a 1975

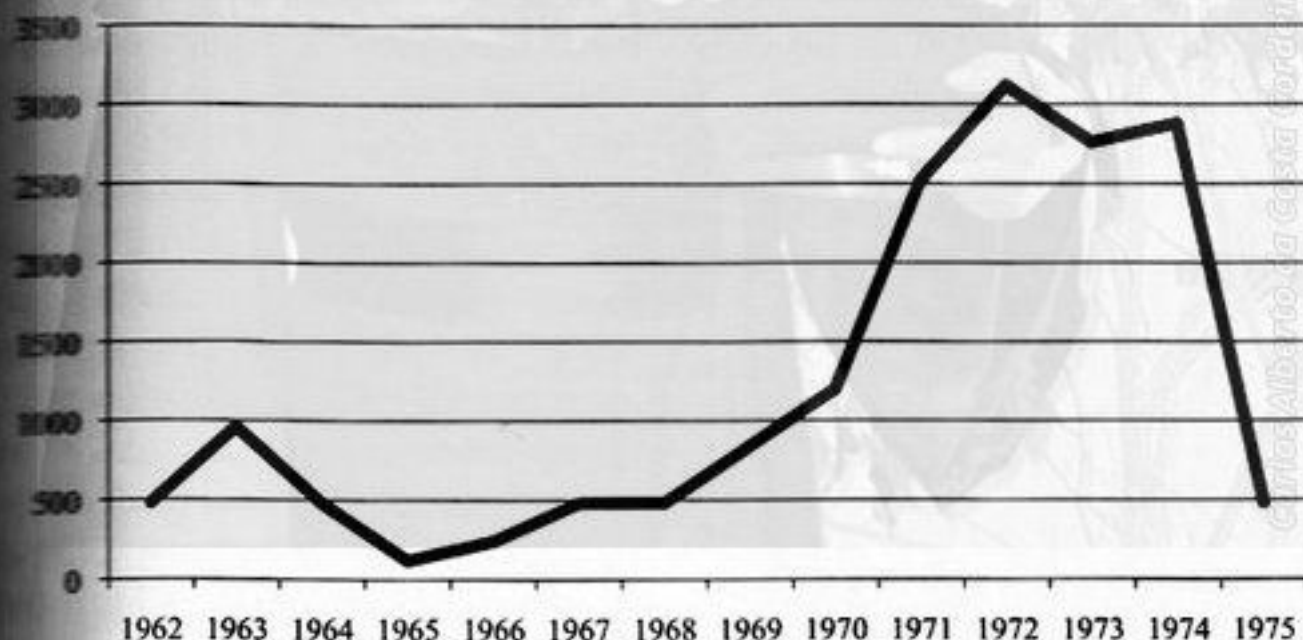


Gráfico elaborado com base em José M. Salgado Martins, *Regimento de Guarnição n.º 2 de São Brás (1555) aos Arrifes (2010)*, Ponta Delgada, Nova Gráfica, Lda. [imp. e acabamentos]; Regimento de Infantaria de Ponta Delgada, *Resumo Histórico. Regimento de Infantaria de Ponta Delgada*, [Lisboa, CEGRAF], 1991; Zona Militar dos Açores, *Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo. História da Unidade*, [Lisboa], SPEME, s/d. (compilação do Cp. Vaz Antunes, coadjuvado pelos Al. Mil.º Nunes, Asp. Mil.º Faria e Asp. Mil.º Conceição); <http://ultramar.terraweb.biz/>

los BII 17 e BII 18, este quantitativo duplica em 1969 (960 militares em 8 CCaç), atinge o máximo em 1970, com 1680 militares mobilizados (14 CCaç). A partir daí e até 1974 verifica-se uma certa estabilização: 1320 em 1971, 1440 em 1972, 1200 em 1973 e 1320 em 1974.

Considerando o gráfico n.º 1 sobre os militares açorianos em campanha nos três Teatros de Operações no mês de Janeiro dos anos de 1962 a 1975⁶⁰, podemos conferir a linha ascendente, com um pico em 1972 (3120 açorianos em campanha – 26 companhias), seguindo-se o ano de 1974, com 2880 (24 companhias). No sentido inverso temos o ano de 1965, somente com 120 açorianos em campanha (da CCaç 383 – BII 18, em Moçambique). Estes quantitativos são de realçar tendo em consideração os censos de 1960 e 1970 no respeitante aos homens entre os 20 e os 24 anos – 11.732 e 10.995, respectivamente. Convém salientar que será praticamente impossível vir a conhecer o número exacto dos militares naturais dos Açores que participaram na guer-

ra do Ultramar. E isto porque, em primeiro lugar, os graduados (sargentos e oficiais milicianos ou do quadro) de origem açoriana não enquadravam, excepto em raríssimas situações, unidades mobilizadas pelos BII 17 e 18, visto integrarem, naturalmente, a escala a nível nacional. Por outro lado, o número de militares mobilizados em rendição individual ou que prestaram serviço militar em unidades de outras origens é de difícil cálculo. Além disto, houve também militares açorianos que prestaram serviço na Força Aérea, Marinha e em forças especiais como os Comandos, os Paraquedistas e os Fuzileiros. O já citado tenente-coronel Manuel Faria é de opinião de que terão estado em campanha no Ultramar mais de catorze mil açorianos, o que as estimativas que apresentamos parecem confirmar.

Relativamente aos militares integrados em unidades mobilizadas nos Açores mortos em campanha (quadro n.º 1) o total foi de 194, 135 dos quais (69,6%) naturais dos Açores.

Comparando o quadro n.º 1 dos mortos em campanha em unidades mobilizadas nos Açores com o relativo ao número de açorianos mobilizados para os três Teatros de Operações (quadro I em anexo), podemos verificar que Moçambique, quer em termos relativos, quer em absolutos, foi o mais mortífero para as companhias e batalhões mobilizados nos Açores.

⁶⁰ As quantidades são aproximadas, pela possibilidade de o cálculo ter partido de premissas incorrectas. No entanto, a tendência geral não sofreria alterações significativas se alterássemos a base de cálculo, por exemplo, passando de 120 para 110 o número de açorianos em cada companhia.

QUADRO N.º 1

**Mortos em campanha integrados em unidades mobilizadas pelos BII 17 e BII 18
(incluindo militares não açorianos)**

Unidade mobilizadora	Angola	Guiné	Moçambique	Total
BII 17	47	19	21	87
BII 18	22	26	59	107
Total	69	45	80	194

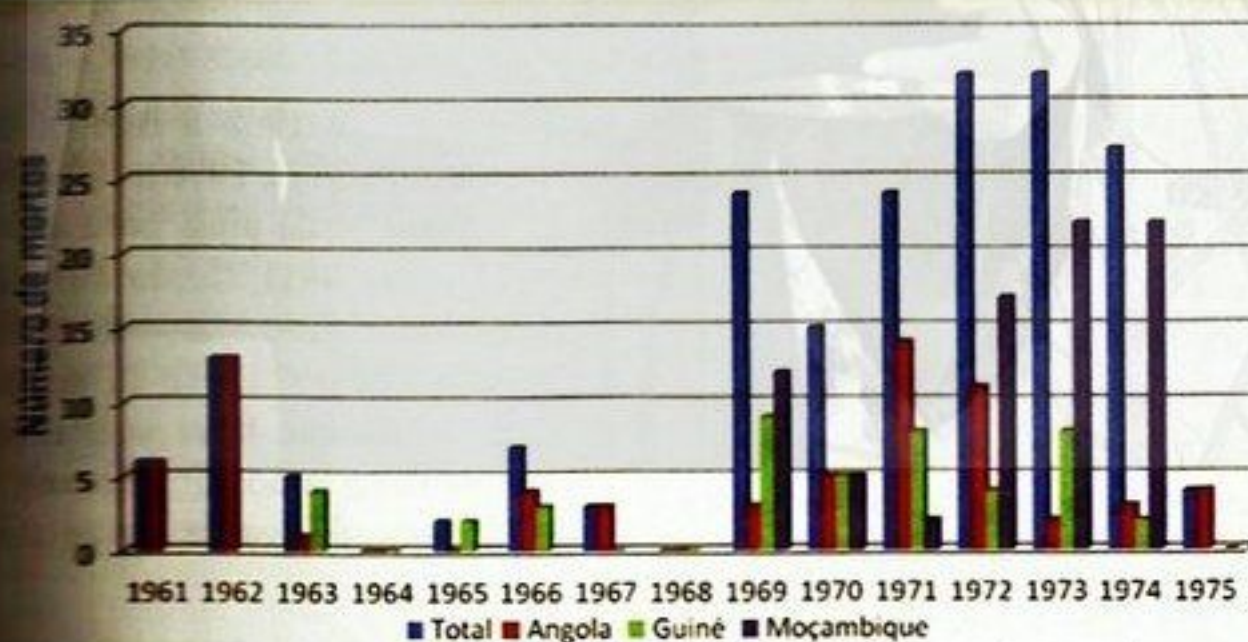
Quadro elaborado com base em: <http://www.apvg.pt/index.php> (portal da Associação Portuguesa dos Veteranos de Guerra) e <http://ultramar.terraweb.biz/>.

Em termos totais atinge as 80 baixas, correspondentes a 42% dos mortos em campanha, quando em percentagem de pessoal mobilizado alcançou os 25%. Pelo gráfico n.º 2 pode ainda concluir-se que os anos mais dramá-

ticos para o caso de Moçambique foram os de 1973 e 1974 e, em termos globais, os de 1972 e 1973.

Quanto ao número de militares falecidos em campanha, temos um total de 231, considerando não só os mo-

GRÁFICO N.º 1

**Militares integrados em unidades mobilizadas pelos BII 17 e BII 18 mortos em campanha
(incluindo não açorianos)**

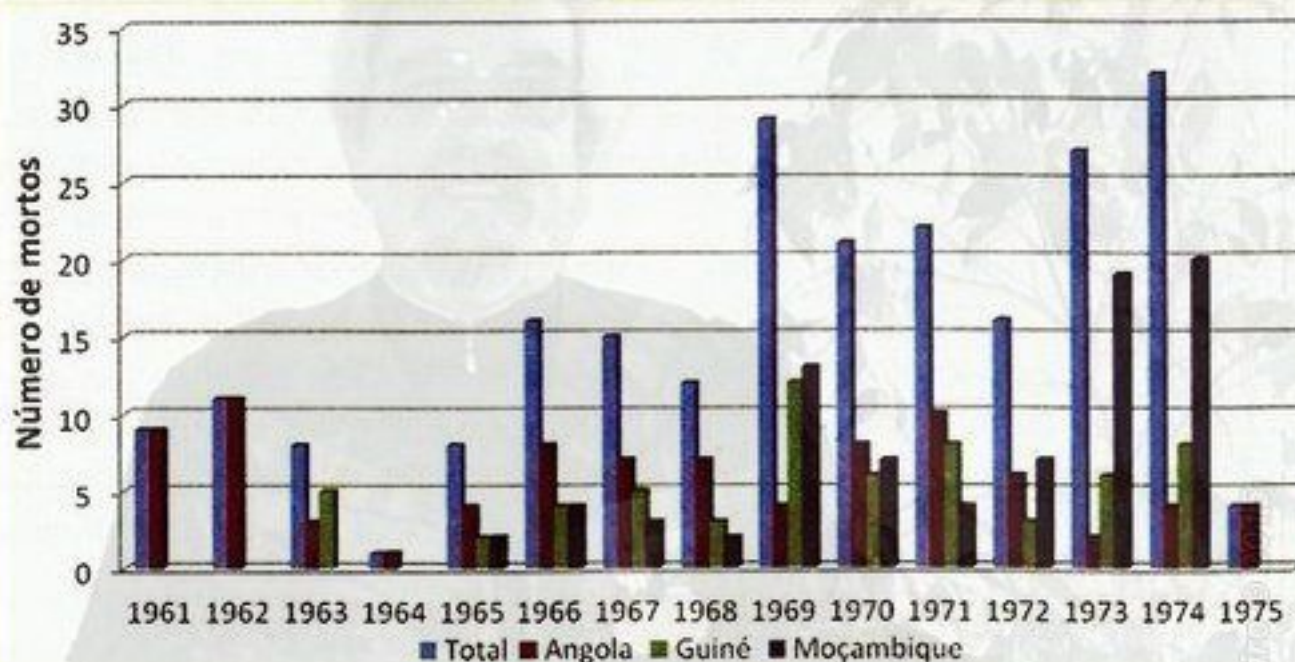
Total de mortos: 194 (135 - 68,6% - eram naturais dos Açores)

Quadro elaborado com base em: <http://www.apvg.pt/index.php> (portal da Associação Portuguesa dos Veteranos de Guerra) e <http://ultramar.terraweb.biz/>.

bilizados pelos BII 17 e 18, mas a totalidade. O concelho mais atingido foi, naturalmente, o de Ponta Delgada, com 60 baixas, seguindo-se os de Angra do Heroísmo, com 31 e o da Lagoa, com 24.

GRÁFICO N.º 3

Açorianos mortos em campanha nos três teatros de operações



Quadro elaborado com base em http://ultramar.terraweb.biz/index_MortosGuerraUltramar.htm (portal dos Veteranos da Guerra do Ultramar); <http://www.apvg.pt/index.php> (portal da Associação Portuguesa dos Veteranos de Guerra).

Algumas companhias e batalhões foram verdadeiros mártires. A CCaç 194, mobilizada pelo BII 17 para Angola, com uma comissão de cerca de 29 meses, entre Julho de 1961 e Novembro de 1963, teve a lamentar onze mortos⁶¹. Em Moçambique, a situação, como se viu, foi muito difícil para várias unidades açorianas. As Ccaç 2422 e a 2755, que cumpriram as comissões, respectivamente,

de Setembro de 1968 a Agosto de 1970 e de Agosto de 1970 a Julho de 1972 tiveram, cada uma, nove mortos⁶². O BCaç 4811/72, do BII 18, com comissão entre Março de 1973 e Dezembro de 1974 teve 22 baixas mortais, sendo que treze ocorreram no mesmo dia e já nos fins Setembro de 1974⁶³, quando avançavam as con-

⁶² Ver Anexo, quadro VI. As nove baixas da CCaç. 2422 ocorreram todas no dia 6 de Agosto de 1969.

⁶³ Ver Anexo, quadro VII.

⁶¹ Ver Anexo, quadro II.

versações de paz e as famílias sentiam já um certo alívio com a possibilidade de verem os seus entes queridos voltarem sãos e salvos. Também não se pode imaginar o sofrimento dos seus camaradas.

Aliás, consultando a listagem das baixas mortais em campanha⁶⁴, podemos verificar que, após o 25 de Abril de 1974, houve ainda trinta e um mortos naturais dos Açores, correspondendo a 13,4% da totalidade de açorianos mortos na Guerra do Ultramar.

5. Esta primeira, lacunar e naturalmente provisória abordagem à participação de açorianos na Guerra do Ultramar – utilizamos a designação da época – circunscreve-se a uma simples compilação de dados colhidos nas fontes citadas. Destaco, porém, a importância dos recursos disponíveis na Internet, sobretudo o excelente portal *ultramar.terraweb.biz*, com vastíssima e bem organizada

informação, bem como o blogue *Luis Graça & Camaradas da Guiné* e o site da Associação Portuguesa de Veteranos de Guerra (<http://www.apvg.pt>).

Há todo um vasto campo de investigação a explorar sobre a participação dos açorianos na Guerra do Ultramar e não só em termos de história militar, mas na história económica e social, na cultural e das mentalidades, isto para não entrar no âmbito de outras áreas científicas. Por agora foi este o nosso pequeno contributo que alcançará o seu objectivo se servir de ponto de partida para projectos de investigação científica mais amplos e aprofundados.

A terminar, uma palavra de sincero agradecimento é devida aos antigos combatentes José Salgado Martins, José Câmara, José Sousa e Tomás Sousa, pela simpatia e prontidão com que me responderam a algumas questões que lhes levantei sobre as unidades em que estiveram integrados ou me forneceram elementos de informação de que não dispunha.

A todos um bem-haja.

⁶⁴http://ultramar.terraweb.biz/index_Mortos-GuerraUltramar_Portugal.htm

ANEXOS

QUADRO I

Número aproximado de militares açorianos mobilizados pelos BII 17 e BII 18 para os três Teatros de Operações¹

Ano	Angola	Guiné	Moçambique	Total
1961	480	0	0	480
1962	120	240	0	360
1963	0	0	120	120
1964	0	0	0	0
1965	120	120	0	240
1966	240	0	0	240
1967	240	0	0	240
1968	0	240	240	480
1969	600	360	0	960
1970	600	720	360	1680
1971	600	720	0	1320
1972	600	120	720	1440
1973	240	240	720	1200
1974	720	240	360	1320
Total	4560	3000	2520	10080

Quadro elaborado com base em: José M. Salgado MARTINS, *Regimento de Guarnição n.º 2 – de São Brás (1555) aos Arrifes (2010)*, Ponta Delgada, Nova Gráfica, Lda. [imp. e acabamentos]; Regimento de Infantaria de Ponta Delgada, *Resumo Histórico. Regimento de Infantaria de Ponta Delgada*, [Lisboa, CEGRAF], 1991; Zona Militar dos Açores, *Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo. História da Unidade*, [Lisboa], SPEME, s/d. (compilação do Cap. Vaz Antunes, coadjuvado pelos Alf. Mil.º Nunes, Asp. Mil.º Faria e Asp. Mil.º Conceição); <http://ultramar.terraweb.biz/> e em portais e blogues das unidades que os publicam.

¹ Para o cálculo destes quantitativos partiu-se do pressuposto de que cada CCaç (Companhia de Caçadores) integrava cerca de 120 militares naturais dos Açores, que receberam instrução da recruta e especialidade nos BII 17 e BII 18 e os condutores auto na Bateria de Artilharia e Guarnição n.º 1 (BAG 1), já que os graduados e especialistas provinham de outras unidades mobilizadoras. Segundo o ex-Furriel Miliciano José Câmara, que integrou a CCaç 3327, mobilizada pelo BII 17, só os cabos e soldados atiradores de Infantaria, apontadores de metralhadora e condutores auto eram naturais dos Açores. Pela folha excel, que simpaticamente me enviou, verificamos que na estrutura da sua Companhia o quantitativo de militares dessas especialidades era de 116. Arredondámos para 120, como média, pois outras unidades ultrapassavam este número. Note-se que este quantitativo médio não estará muito longe da realidade, pois nos batalhões mobilizados pelo BII 18, considerámos somente 360 naturais dos Açores (três companhias com 120 elementos açorianos cada) quando, por exemplo, como refere Salgado Martins, o BCaç 4812 foi “constituído basicamente por tropas açorianas” e seguiu para Moçambique com um efectivo de 583 militares. (Ver José M. Salgado MARTINS, *Regimento de Guarnição n.º 2 – de São Brás (1555) aos Arrifes (2010)*, Ponta Delgada, [s/n], 2011, pp. 174, 177).

QUADRO II

Unidades mobilizadas para o Teatro de Operações de Angola. Batalhão Independente de Infantaria 17 – Angra do Heroísmo *

UNIDADE	COMISSÃO		COMANDANTE ¹	MORTOS EM CAMPANH ²	OBSERVAÇÕES
	INÍCIO	FIM			
CCaÇ 110	05/61	06/63	Cap. Alvaro Paula Carvalho	Francisco Mendes Nogueira	Integrou, com a CCaÇ 111 (BII 18) e 112 (BII 19), o BCaÇ 109. O batalhão tinha como divisa: "Firmes e Constantes"
CCaÇ 194	07/61	11/63	Cap. Eduardo da Rosa Ferreira	António Manuel da Costa; José Francisco Viegas Marreiros; José Octávio Reis Dias; Jorge do Natal da Silva Moniz; Mário Garcia Rebelo; Avelino Lopes de Freitas; José Cardoso Carias; João Durval Castro da Silva; Jacinto Martins Azera; Manuel José Félix; João Silveira Veríssimo	Quibala Norte; Maqueta do Zombo. Integrou o BCaÇ 184
CCaÇ 382	11/62	12/64		—	
CCaÇ 1437	08/65	09/67	Cap. Mil. Luís Fernando S. Mira	Francisco Mendes Borba; António Dioclécio Brasil	
CCaÇ 1737	08/67	10/69	Cap. Mil. Jorge Miguel S. Moura	António Gabriel Melo Veredas; Luís Silveira Pereira Sarmiento	Ver "Resumo histórico de unidades que regressam à Metrópole" em http://ultramar.terraweb.biz/RMA/RMA_1967_1969.pdf
CCaÇ 1738	08/67	10/69	Cap. Mil. José Horácio da Siveira Bettencourt	—	Ver "Resumo histórico de unidades que regressam à Metrópole" em http://ultramar.terraweb.biz/RMA/RMA_1967_1969.pdf
CCaÇ 2488	01/69	03/71	Cap. Arnaldo José R. da Cruz	João Gabriel Ribeiro de Sousa e Sá; António dos Santos Pacheco; Manuel Alberto Casimiro Maciel	"Unidos Venceremos". Louvada pelo General Comandante da RMA que a considerou "como uma das melhores em serviço na RMA e como exemplo a seguir"
CCaÇ 2564	07/69	08/71	Cap. Mil. Fernando Pina da Silva	José Carlos Lima Fernandes; Edúino Tomás Bettencourt	
CCaÇ 2565	07/69	08/71	Cap. Mil. Cláudio Mota Sé	—	Capinda
CCaÇ 2566	07/69	08/71	Cap. José Manuel Pires Ramalho	João Luís Medeiros Paiva	
CCaÇ 2674	03/70	04/72	Cap. Mil. João da Silva Santos	António Alberto Machado Garcia	
CCaÇ 2675	03/70	04/72	Cap. Mil. Raúl M.M. Barros Leite	Julio Ferreira Cardoso; José Leal Goulart; António Osvaldo Martins de Sousa; Manuel Nunes Caetano; Rui Luís Paradanta Moreira; João Luis Brasil de Oliveira; Carlos Henrique Teixeira Borba; Francisco Toste Lima	

QUADRO II (continuação)

UNIDADE	COMISSÃO		COMANDANTE ¹	MORTOS EM CAMPANHA ²	OBSERVAÇÕES
	INÍCIO	FIM			
CCaÇ 2676	03/70	04/72	Cap. António Alves Martins	—	
CCaÇ 2677	03/70	04/72	Cap. Helder Fernando Vagos Lourenço	João Francisco Cruz Rosendo; João Domingos Correia Medeiros	Blogue, da responsabilidade do antigo comandante: http://ccac2677.blogspot.pt/
CCaÇ 3412	08/71	10/73	Cap. Jaime Rodolfo Abreu Cardoso	Francisco Janba – adido	
CCaÇ 3413	08/71	10/73	Cap. Carlos Augusto da Silva Ribeiro	António de Amaral Machado; Manuel Firmino Nunes Aguiar	"Valor e Garra": Ver José Rosa Sampaio, <i>Contributo para a História da Companhia de Caçadores 3413</i> , in http://ultramar.terramarweb.biz/livros/JoséRosaSampaio/L.%20Hist%C3%B3ria%20da%20CCa%C3%A73413.pdf . Ver também o blogue da Companhia: http://cc3413.wordpress.com/
CCaÇ 3510	02/72	04/74	Cap. Mil. José Pedro Ruas de Brito Fontes	Manuel de Sousa Vieira	"Espírito Forte, Coração Brando". Blogue: http://ccac3510.blogspot.pt/ , sobretudo sobre os convívios
CCaÇ 3511	02/72	04/74	Cap. Mil. António Luís Aguiar de Moraes	Gregório Nicolau; João do Amaral Ferraz; Carlos Dinis de Lima Arruda; Manuel Martins Pereira; João Ascânio Pereira da Silva Mota; Manuel Brasil	"Labor Omnia Vincit"
CCaÇ 4741/72	09/72	09/74	Cap. Mil. Carlos Miguel de Melo Oliveira	António Tavares Benevides	"Os Intocáveis. Paz pelas Armas"
CCaÇ 4742/72	03/73	12/74	Cap. Mil. Rui Manuel Pimenta		Manuel Bento FERNANDES (org.), <i>Da Terceira-Açores ao Lufico-Angola: História e Vivências da Companhia de Caçadores 4742/74</i> , in http://ultramar.terramarweb.biz/06livros_CompanhiadeCaçadores4742_72Angola.htm
CCaÇ 4744/72	08/73	02/75	Cap. Mil. João Gonçalves do Nascimento Santos		"Pela Paz"
CCaÇ 4746/73	03/74	06/75	Cap. Álvaro Jorge Soares Ferreira		
CCaÇ 4741/74	08/74	09/75	Cap. Fernando Abel Azambuja Vidiçal		
CCaÇ 4742/74	09/74	10/75	Cap. Joaquim Manuel de Sousa Pinto Arouca	João Joaquim dos Santos da Ponte	

• Quadro elaborado com base em: Zona Militar dos Açores, *Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo. História da Unidade*, [Lisboa], SPEME, s/d. (compilação do Cap. Vaz Antunes, coadjuvado pelos AIF. Mil. Nunes, Asp. Mil.º Faria e Asp. Mil.º Conceição); <http://ultramar.terramarweb.biz/> e em portais e blogues das unidades que os publicam.

¹ Indicamos só o comandante inicial, excepto nos casos em que o comandante inicial tenha estado pouco tempo à frente da companhia.

² Por opção, consideramos "mortos em campanha" não especificando as razões nem os postos militares.

QUADRO III

Unidades mobilizadas para o Teatro de Operações de Angola. Batalhão Independente de Infantaria 18 – Ponta Delgada*

UNIDADE	COMISSÃO		COMANDANTE ¹	MORTOS EM CAMPANHA ²	OBSERVAÇÕES
	INÍCIO	FIM			
CCaÇ 111	05/61	06/63	Cap. Mário César Teixeira	Manuel Sequeira Teles; Eduardo da Conceição Ferreira; Luís Manuel Faria Gonçalves; Luís Manuel Carlota; Leonardo Caetano Pereira	Integrou, com a CCaÇ 111 (BII 18) e 112 (BII 19), o BCaÇ 109. O batalhão tinha como divisa: "Fomes e Constantes".
CCaÇ 195	07/61	11/63	Cap. Arnaldo Manuel de Medeiros Ferreira	António João José da Palma; José Paulo da Silva Júnior; José de Melo Rocha	
CCaÇ 1520	02/66	04/68	Cap. António M. Cavaleiro		
CCaÇ 1521	02/66	04/68	Cap. José de Almeida Pinto Bandeira	João Ferreira Garbadeiro; Manuel Amaral Costa	Sede em N.º Requinha
CCaÇ 2526	05/60	06/71	Cap. Mil. Fernando Pessoa	António Francisco de Jesus Nicolau; João Natalino Vales	Construiu uma capela em Mucaluando
CCaÇ 2788	10/70	10/72	Cap. Mil. Armando V. Cardoso	João Luís Botelho Lima; João de Oliveira Pedro	
CCaÇ 3367	04/71	04/73	Cap. Grad. António M. S. Sousa		
CCaÇ 3368	04/71	04/73	Cap. José R. Borges da Costa		
CCaÇ 3369	05/71	04/73	Cap. António Augusto Campinas	Vicente Manuel Cabral Pavão	Lavorei e Benza
CCaÇ 3362	06/72	08/74	Cap. Mil. José Manuel Calapeiro Ferro	João Paulo; Luís Manuel Flora Moniz	
CCaÇ 3363	06/72	08/74	Cap. QEO Manuel B. Baptista	António Cardoso da Silva; Manuel Eduardo Belchior do Rego Cipriano	"Açoranos"
BCaÇ 4810/74	12/74	10/75	Ten. Cor. Rui J. T. Simões. 1.º CCaÇ: Cap. Fernando Pereira dos Santos Agada. 2.º CCaÇ: Cap. Mil. José Carlos dos Santos França e Silva 3.º CCaÇ: Cap. Mil. José Augusto da Silva Pinheiro	Artur Rodrigues Joaquim; Edmundo Ledo Pascoal	

* Quadro elaborado com base em: José M. Salgado Martins, *Regimento de Guarnição n.º 2 – de São Brás (1555) aos Arrifes (2010)*, Ponta Delgada, Nova Gráfica, Lda. [imp. e acabamentos]; Regimento de Infantaria de Ponta Delgada, *Resumo Histórico. Regimento de Infantaria de Ponta Delgada*, [Lisboa, CEGRAF], 1991; <http://ultramar.terraweb.biz/> e em portais e blogs das unidades que os publicam. Agradeço a preciosa colaboração do coronel aposentado e mestre em História Insular e Atlântica – Séculos XV-XX, José Manuel Salgado Martins, do ten. cor. José Manuel Girão Lima, director do Museu Militar dos Açores, e do alferes Rui Duarte, da Direcção de História e Cultura Militar.

¹ Indicamos só o comandante inicial, excepto nos casos em que o comandante inicial tenha estado pouco tempo à frente da companhia.

² Por opção, consideramos "mortos em campanha" não especificando as razões nem os postos militares.

QUADRO IV

Unidades mobilizadas para o Teatro de Operações da Guiné. Batalhão Independente de Infantaria 17 – Angra do Heroísmo *

UNIDADE	COMISSÃO		COMANDANTE ¹	MORTOS EM CAMPANHA ²	OBSERVAÇÕES
	INÍCIO	FIM			
CCaÇ Esp 273	01/62	01/64	Cap. Jerónimo Botelho Gaspar	Jeremias Barcelos Cosme Damião	
CCaÇ 1438	08/65	05/67	Cap. Eugénio Batista Neves	Manuel Silveira Pires; Manuel Geraldo Teixeira; Manuel Vieira Ferreira; António de Castro Pereira Gil; Manuel Correia Pedro	
CCaÇ 2753	08/70	06/72	Cap. Mil. João Domingos da Costa Cupido	António Simas Dutra	"Os Barões". Farim
CCaÇ 2754	07/70	06/72	Cap. João Domingos da Rocha Cupido		Bula e Pirada
CCaÇ 3326	01/71	01/73	Cap. Mil. João Carlos de Paula de Carvalho	Agostinho José da Silva	"Os Sempre Operacionais". Mampatá
CCaÇ 3327	01/71	01/73	Cap. Mil. Rogério Rebocho Alves	Manuel Veríssimo	"Os Nómadas"
CCaÇ 3328	01/71	01/73	Cap. Mil. Grad. Agostinho de Almeida	João de Castro Pinto	Mampatá, Quinhamel, Bula. Durante a comissão, a Companhia teve cinco comandantes
CCaÇ 3414	07/71	09/73	Cap. Manuel José Marques Ribeiro de Faria	Fernando José Gaspar Ribeiro; António Luis do Couto Toste Pereira	"Os Falcões"; "Justiça. Lealdade". Bafatá e Sare Bacar.
CCaÇ 4740/72	06/72	08/74	Cap. João Gaspar Dias da Silva	Germano Soares de Medeiros	Cufar. "Os Leões de Cufar". Blogue http://ccac4740.com/acolhimento.htm
CCaÇ 4743/72	12/72	08/74	Cap. Mil. Manuel Bernardino Maia Rodrigues	João Manuel dos Santos; Clemente Pinto de Castro; Domingos Artur da Silva Vieira; Daniel de Sousa Medeiros	"Os Meninos de Gadamael"
CCaÇ 4745/73	06/73	09/74	Cap. Manuel Joaquim Capucho	Pedro Jorge da Ponte Cabral; Manuel Jacinto Carreiro Almeida Custódio	"Águias de Binta"
CCaÇ 4747/73	12/73	09/74	Cap. Mil. José António Correia Barbosa		

* Quadro elaborado com base em: Zona Militar dos Açores, *Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo. História da Unidade*, [Lisboa]. SPENME, s/d. (compilação do Cap. Vaz Antunes, coadjuvado pelos Alf. Mil.º Nunes, Asp. Mil.º Faria e Asp. Mil.º Conceição); <http://ultramar.terraweb.biz/> e em portais e blogs das unidades que os publicam.

¹ Indicamos só o comandante inicial, excepto nos casos em que o comandante inicial tenha estado pouco tempo à frente da companhia.

² Por opção, consideramos "mortos em campanha" não especificando as razões nem os postos militares.

QUADRO V

Unidades mobilizadas para o Teatro de Operações da Guiné. Batalhão Independente de Infantaria 18 – Ponta Delgada *

UNIDADE	COMISSÃO		COMANDANTE ¹	MORTOS EM CAMPANHA ²	OBSERVAÇÕES
	INÍCIO	FIM			
CCa 274	01/62	01/64	Cap. Adérito Augusto Figueira	José do Rego Rebelo; José Carvalho Carneiro; João de Freitas Pereira	Fubunda
CCa 244	09/68	08/70	Cap. Mil. João Duarte Oliveira Abreu	Joaquim Augusto Monteiro; Manuel Amaral Carneiro; Manuel dos Santos da Costa Almeida; João Manuel Simas Amaral; José Bento Pacheco Aveiro	"Coriscos"
CCa 245	11/68	08/70	Cap. Fernando José Estrela Soares	José Luís Galvão	Cacine e Carreotide
CCa 2527	05/69	03/71	Cap. Leonardo dos Santos Freixo	Duarte Manuel Borges de Sousa; José Botelho dos Santos; Luciano de Sousa; Francisco Luís Alves; José Maria Antunes	Desaparecido em combate: António Manuel Soares de Resende. "Nunca Tão Poucos Valeram Tanto". Bigene
CCa 2656	10/69	09/71	Cap. Mil. Manuel Medina e Matos	Manuel Horácio Ferreira Praquaza; José Juvenal da Silva Rebelo; José de Viveiros Fernandes	Ver no blogue http://blogueforanadaevares.blogspot.com , pormenores da história da Companhia relatados pelo ex-Fuz. Mil. João Varanda, incluindo fotografias. Loovar do Comandante Militar da Guiné.
CCa 2637	10/69	09/71	Cap. José Cândido de Oliveira Bessa Mendes	Agostinho Lopes Miranda	Loovar do Comandante Militar da Guiné.
CCa 2725	04/70	02/72	Cap. Delífil Galeano Antunes Teixeira		Barro. Ver síntese da actividade operacional em: http://blogueforanadaevares.blogspot.com/2008/01/guine-6374-p2430-unidades-que-passaram.html
CCa 2726	04/70	02/72	Cap. David Custódio G. Magalhães		"In Hoc Signo Vincet". Cacine-Camevade. Ver aspectos da história da Companhia, na perspectiva de um militar que a integrou em http://iberiophorges.blogspot.pt . Inclui fotografias. Ver síntese da actividade operacional em: http://ultramar.terraweb.biz/CTIG/Imagens_CTIG_LuisCTPaulino.htm
CCa 2789	10/70	09/72	Cap. Mil. Joaquim Santa Bárbara	José Alberto Nunes Lourenço	"Os vigilantes"
CCa 2790	10/70	09/72	Cap. José Pedro Sacena; Cap. Diamantino Gertrudes da Silva	José Maria Cabral Tavares; César Vieira de Andrade; Dinis Pimentel Carvalho	"In Hoc Signo Vincet"
CCa 3476	09/71	12/73	Cap. Mil. Jorge Alberto da Conceição Hagedorn Rangel	David da Silva Chaves	"Juventude, Portugalidade". http://carlosilva-guine.99c.com/index.php?option=com_content&do_pdf=1&id=57 . História e imagens
CCa 3477	09/71	12/73	Cap. Mil. Grad. Abílio Delgado	António de Freitas Isidório; Luís Alberto Carneiro Monte	"Gringos de Guileje". Foi a última CCa sediada em Guileje antes do polémico abandono do aquartelamento pela CCav. 8350. Rodou depois para Ntara
CCa 484073	04/74	10/74	Cap. Joaquim António Camacho Aguiar		Bissau

* Quadro elaborado com base em: José M. Salgado MARTINS, *Regimento de Guarnição n.º 2 – de São Brás (1555) aos Arrifes (2010)*, Ponta Delgada, Nova Gráfica, Lda. [imp. e acabamentos]: Regimento de Infantaria de Ponta Delgada, *Resumo Histórico. Regimento de Infantaria de Ponta Delgada*, [Lisboa, CEGRAF], 1991; <http://ultramar.terraweb.biz/>; <http://blogueforanadaevares.blogspot.pt/> e http://carlosilva-guine.99c.com/index.php?option=com_content&do_pdf=1&id=57 e em portais e blogues das unidades que os publicam..

¹ Indicamos só o comandante inicial, excepto nos casos em que o comandante inicial tenha estado pouco tempo à frente da companhia.

² Por opção, consideramos "mortos em campanha" não especificando as razões nem os postos militares.

QUADRO VI

Unidades mobilizadas para o Teatro de Operações de Moçambique. Batalhão Independente de Infantaria 17 – Angra do Heroísmo *

UNIDADE	COMISSÃO		COMANDANTE ¹	MORTOS EM CAMPANHA ²	OBSERVAÇÕES
	INÍCIO	FIM			
CCaç 2421	09/68	08/70	Cap. Carlos Góis Pinto	Gabriel Jorge Silva; José Morais Janeiro; Rui da Costa Lobão	
CCaç 2422	09/68	08/70	Cap. António Luciano Fontes Ramos	José Luís das Pedras Pimpão; Manuel Augusto; Pedro Ribeiro Matos Neves; António Hermínio Esteves Duarte; José Mendes Fernandes; João Manuel Dias Machado; João Azevedo Pereira de Sousa; Manuel António Serpa Machado; António Paulino Faria Claro	“Oderint Dum Mutuant”. Louvada por Portaria do Ministério do Exército sendo apontada “como exemplo ao Exército e à Nação como subunidade de valor excepcional”. Como condecorações individuais, foram atribuídas aos seus militares dez Cruzes de Guerra e uma Medalha de Valor Militar, cobre, c/palma.
CCaç 2755	08/70	09/72	Cap. Sérgio Manuel Ruivo Preto	Augusto Pinto Barbedo; Joaquim Eduardo Jacob ; António Magalhães Silva; Luís Mangane Massinga; Bernardo Macizane Chauque; Luis Manuel Duarte Travassos; José Pereira Borges; Marcelino Bongece; Maximiano Machava	

* Quadro elaborado com base em: Zona Militar dos Açores, *Regimento de Infantaria de Angra do Heroísmo. História da Unidade*, [Lisboa], SPEME, s/d. (compilação do Cap. Vaz Antunes, coadjuvado pelos Alf. Mil.º Nunes, Asp. Mil.º Faria e Asp. Mil.º Conceição); <http://ultramar.terraweb.biz/> e em portais e blogs das unidades que os publicam.

¹ Indicamos só o comandante inicial, excepto nos casos em que o comandante inicial tenha estado pouco tempo à frente da companhia.

² Por opção, consideramos “mortos em campanha” não especificando as razões nem os postos militares.

QUADRO VII

Unidades mobilizadas para o Teatro de Operações de Moçambique. Batalhão Independente de Infantaria 18 – Ponta Delgada *

UNIDADE	COMISSÃO		COMANDANTE ¹	MORTOS EM CAMPANHA ²	OBSERVAÇÕES
	INÍCIO	FIM			
CCaÇ 383	01/63	06/65	Cap. Mil. Manuel J.R. Bernardo		Dono
CCaÇ 2727	05/70	06/72	Cap. Jacinto Gonçalves Cabrita	Tomás José Nhampule; Francisco Macamo; José Maria Teixeira Moniz; Manuel Medeiros Gaidola; Luís Carlos Farias Reis	Mocimboa da Praia
CCaÇ 2728	06/70	06/72	Cap. Américo A. R. Paula	Carlos Manuel Borges Pegas; Sérgio Novais Massano; Francisco Cabral Tavares; José de Medeiros Machado	Lione e Chala
CCaÇ 3569	05/72	08/74	Cap. Mil. Luis Manuel Martins Rebelo	Remigio Borges de Sousa; António Macula; Augusto Raimundo Januário; José Gabriel Dinis de Sousa; José Resendes Duarte	
CCaÇ 3570	05/72	08/74	Cap. Mil. Fernando Jorge Teles de Menezes Martins	Vicitor Pacheco Branco; António Cabral Almeida; João Amaro Cardoso Bettencourt; João Luis Sousa Lima Silveira; João Carlos Moa Medeiros; José Luis Costa Raposo; Rogério Urbano Sousa Andrade	Mocimboa da Praia
CCaÇ 3571	05/72	08/74	Cap. Mil. Rui Fernandes G. Barata		"Vitória e Glória"
BCaÇ 4810/72	11/72	10/74	Ten. Cor. José Afonso; Ten. Cor. Agrelly Rebelo 1.º CCaÇ: Cap. Mil. Joaquim C. F. de Carvalho 2.º CCaÇ: Cap. Mil. António de Jesus Lobo Pimentel 3.º CCaÇ: Cap. Mil. António Henriques Lopes Alves	CCS: Ulbe Damucens; Arnaldo Azevedo Rodrigues; 1.º CCaÇ: João Carlos Paiva Pacheco; José Amaral de Sousa Alves; 2.º CCaÇ: Carlos Jacinto de Sá Lima; 3.º CCaÇ: Clemente Medeiros Carmo; Dinis Ferraz Furtado; António Sambisque	"Serenidade. Generosidade"
BCaÇ 4811/72	04/73	11/74	Ten. Cor. Armando de Sousa Gomes. 1.º CCaÇ: Cap. Mil. Fernando Manuel Quaresma Saraiva 2.º CCaÇ: Cap. Mil. Mário Alberto Lélis da Cruz 3.º CCaÇ: Cap. Mil. João Manuel Mendes da Silva Guimarães	1.º CCaÇ: Mário Cordeiro Nunes; Manuel António Soares Franco; João Leal da Silveira; Sebastião Pamplona das Neves; Dinis Manuel de Melo Esteves; José Inácio Menezes; Gilberto Ferreira Oliveira; Angelino Neves. 2.º CCaÇ: Manuel Freitas Dias; Armando Raposo de Carvalho; António Manuel Moniz Amaral; José Tomás Brasil da Silva; Antero Alberto Pessoa Oliveira Dias; José Fernando Saldanha da Cunha; Manuel Cândido Dias Rodrigues; João Alberto Gomes Vieira; Silvino Barbosa Amaral; José da Silva Pacheco; José Manuel Raposo Botelho; Manuel Morgado Moniz Pacheco; Carlos Alberto Ferreira Raposo; Mariano José Rebelo	"Cujá Fama Ninguém Virá que Dome". Em Setembro de 1974, quando as tropas portuguesas estavam já em retração da actividade operacional e decorriam negociações entre Portugal e a FRELIMO, esta aprisionou 59 militares da 3.º CCaÇ quando se preparavam para abandonar o destacamento de Lussanhado. Foram conduzidos para a Tanzânia e libertados em Outubro. Em http://www.pano.ramio.com/photo/33195415 encontra-se a descrição dos acontecimentos por um dos militares aprisionados.

QUADRO VII (continuação)

UNIDADE	COMISSÃO		COMANDANTE ¹	MORTOS EM CAMPANHA ²	OBSERVAÇÕES
	INÍCIO	FIM			
BCa; 4812/73	10/73	12/74	Ten. Cor. José M. Fradinho da Costa; Ten. Cor. Tomás Luís Chaves da Costa. 1.º CCa; Cap. Mil. José Vicente Pires Ramos. 2.º CCa; Cap. Mil. João Evangelista dos Santos Morais 3.º CCa; Cap. Mil. João Teotónio de Magalhães	1.º CCa; Alfredo Idade. 2.º CCa; Manuel António Elias de Melo; Manuel António Belaróga Courça; José Eduardo Vieira. 3.º CCa; Henrique Fernandes Gil	Louver do Comandante Militar de Moçambique.
BCa; 4813/73	04/74	04/75	Ten. Cor. João Fernandes da Ressurreição. 1.º CCa; Cap. Mil. José Carlos da Cruz Lavrador. 2.º CCa; Cap. Mil. João Manuel Ferreira Cardoso 3.º CCa; Cap. Mil. António Beirão Belo	2.º CCa; Hermoso Amaral Oliveira; Amândo Arruda Amaral	

• Quadro elaborado com base em: José M. Salgado MARTINS, *Regimento de Guarnição n.º 2 – de São Brás (1555) aos Arrifes (2010)*, Ponta Delgada, Nova Gráfica, Lda. [imp. e acabamentos]; Regimento de Infantaria de Ponta Delgada, *Resumo Histórico. Regimento de Infantaria de Ponta Delgada*, [Lisboa, CEGRAF], 1991; <http://ultramar.terraweb.biz/> e em portais e blocos das unidades que os publicam. Agradeço a preciosa colaboração do coronel aposentado e mestre em História Insular e Atlântica – Séculos XV-XX, José Manuel Salgado Martins, do ten. cor. José Manuel Girão Lima, director do Museu Militar dos Açores, e do alferes Rui Duarte, da Direcção de História e Cultura Militar.

¹ Indicamos só o comandante inicial, excepto nos casos em que o comandante inicial tenha estado pouco tempo à frente da companhia.

² Por opção, consideramos “mortos em campanha” não especificando as razões nem os postos militares.

QUADRO VIII

Militares mortos em campanha, por concelho e teatro de operações

Concelho	Angola	Guiné	Moçambique	Total
Corvo	—	—	1	1
Santa Cruz das Flores	—	—	1	1
Lajes das Flores	1	—	1	2
Santa Cruz da Graciosa	2	—	2	4
Calheta de S. Jorge	3	1	1	5
Madalena do Pico	1	4	—	5
S. Roque do Pico	2	1	2	5
Velas	4	1	2	7
Vila do Porto	—	4	1	5
Povoação	4	—	3	7
Horta	7	2	2	11
Lajes do Pico	3	2	5	10
Nordeste	6	3	3	12
Vila Franca do Campo	3	5	4	12
Lagoa	4	3	3	10
Praia da Vitória	9	5	4	18
Ribeira Grande	10	7	7	24
Angra do Heroísmo	10	6	15	31
Ponta Delgada	19	18	24	61
TOTAIS	88	62	8	231

QUADRO IX

Condecorações de militares integrados em unidades mobilizadas pelos BII 17 e BII 18

Nome	Posto	Companhia	Unidade Mobilizadora	Condecoração	Data
MOÇAMBIQUE					
José de Jesus Barreiro	Soldado	CCaç2728	BII18	Cruz de Guerra 4.ª	1973
Jorge Manuel da Costa Ferreira	Soldado	CCaç3569	BII18	Cruz de Guerra 4.ª	1973
Manuel Germano Carreiro Câmara	Soldado	CCaç3569	BII18	Cruz de Guerra 4.ª	1974
Paulo Chinchangue Malembane	Soldado	CCaç3569	BII18	Cruz de Guerra 4.ª	1974
Caetano Manuel Rodrigues Viveiros	Soldado	CCaç3570	BII18	Cruz de Guerra 4.ª	1974
José Domingos da Costa Xavier	Soldado	CCaç3570	BII18	Cruz de Guerra 4.ª	1974
Alexandre Fanha Constantino	Soldado	2.ª BCaç 4810/72	BII18	Cruz de Guerra 4.ª	1974
Vítor Manuel Martins de Almeida	Cabo Miliciano	BCaç4811/72	BII18	Cruz de Guerra 3.ª	6/2/74
João Artur Araújo Costa	Alferes Miliciano	CCaç2422	BII17	Cruz de Guerra 4.ª	1971
João Manuel da Costa Toste	Soldado	CCaç2422	BII17	Cruz de Guerra 4.ª	6/8/69
José Maria Matias Lúcio	Furiel Miliciano	CCaç2422	BII17	Cruz de Guerra 3.ª	6/8/69
José Mendes Fernandes (a título póstumo)	Soldado	CCaç2422	BII17	Cruz de Guerra 4.ª	6/8/69
José Pereira Alemão	Soldado	CCaç2422	BII17	Cruz de Guerra 4.ª	6/8/69
José Resendes Braga	Soldado	CCaç2422	BII17	Cruz de Guerra 4.ª	1970
Manuel Lima da Rocha (promovido a FurMil por distinção)	Soldado	CCaç2422	BII17	Valor Mil. Cobre c/Palma	6/8/69
Manuel Santos Melo Ferreira	Soldado	CCaç2422	BII17	Cruz de Guerra 4.ª	6/8/69
António José Paleta Duarte	Alferes Miliciano	CCaç2422	BII17	Cruz de Guerra 3.ª	1970
António Luciano Fontes Ramos	Capitão	CCaç2422	BII17	Cruz de Guerra 1.ª	1970
António Paulino Faria Claro (a título póstumo)	Soldado	CCaç2422	BII17	Cruz de Guerra 3.ª	6/8/69
João Carlos Costa Rei	Soldado	CCaç2755	BII17	Cruz de Guerra 4.ª	1973

QUADRO IX (continuação)

Nome	Posto	Companhia	Unidade Mobilizadora	Condecoração	Data
ANGOLA					
Venício Raposo	Soldado	CCaç195	BIII18	Cruz de Guerra 4.ª	25/11/62
Arnaldo Manuel de Medeiros Ferreira	Capitão	CCaç195	BIII18	Cruz de Guerra 4.ª	25/6/62
Manuel Rodrigues Machado	Soldado	CCaç1520	BIII18	Cruz de Guerra 4.ª	1967
José Manuel Soares	Soldado	CCaç2526	BIII18	Cruz de Guerra 4.ª	1970
Lúcio Gabriel da Rocha Pereira	Soldado	CCaç3369	BIII18	Cruz de Guerra 4.ª	1974
António Manuel da Costa (a título póstumo)	1.º Cabo	CCaç194	BIII17	Cruz de Guerra 4.ª	28/9/62
João Alves de Sousa	Soldado	CCaç194	BIII17	Cruz de Guerra 4.ª	28/9/62
João Silveira Veríssimo (a título póstumo)	Soldado	CCaç194	BIII17	Cruz de Guerra 4.ª	28/9/62
Mário Garcia Rebelo (a título póstumo)	Soldado	CCaç194	BIII17	Cruz de Guerra 4.ª	28/9/62
Joel Manuel Bettencourt de Melo	Soldado	CCaç1437	BIII17	Cruz de Guerra 4.ª	5/10/66
José Manuel Nabais	Furriel Miliciano	CCaç1437	BIII17	Cruz de Guerra 2.ª	1967
Gilberto de Oliveira Bettencourt	1.º Cabo	CCaç3412	BIII17	Cruz de Guerra 3.ª	1974
Jaime Rodolfo de Abreu Cardoso	Capitão	CCaç3412	BIII17	Cruz de Guerra 1.ª	1973
Francisco Manuel da Costa Simas	1.º Cabo	CCaç3413	BIII17	Cruz de Guerra 4.ª	1974
GUINÉ					
Adérito Augusto Figueira	Capitão	CCE274	BIII18	Cruz de Guerra 2.ª	7/8/63
António José Tavares	Soldado	CCE274	BIII18	Cruz de Guerra 4.ª	5/3/63
António Robalo Valente	Alferes Miliciano	CCE274	BIII18	Cruz de Guerra 3.ª	22/4/63
Fernando Manuel Raposo da Costa Faria	Furriel Miliciano	CCE274	BIII18	Cruz de Guerra 4.ª	2/3/63
Germano dos Santos Correia	Soldado	CCE274	BIII18	Cruz de Guerra 4.ª	12/2/63
Manuel de Moura Freitas	1.º Cabo	CCE274	BIII18	Valor Mil. Cobre c/Palma	6/2/63

Quadro elaborado com base no portal <http://ultramar.terraweb.biz/condecoracoes.htm> e José M. Salgado MARTINS, *Regimento de Guarnição n.º 2 - de São Brás (1555) aos Arrifes (2010)*, Ponta Delgada, [s/n], 2011.